

CIÊNCIA

Organismos

Estão a aparecer mais em Portugal e a culpa pode ser do clima

GelAvista é o nome do programa de “ciência cidadã” para monitorizar os organismos gelatinosos na costa portuguesa. Desde 2016, já recebeu mais de 3750 registos e 2019 foi, até agora, o ano em que houve o maior número de avistamentos

Filipa Almeida Mendes

Nos últimos anos, a probabilidade de ir a uma praia portuguesa e dar de caras com um organismo gelatinoso é cada vez maior. São várias as espécies que dão à costa em Portugal, entre as quais a famosa caravela-portuguesa e outras alforrecas.

As medusas (também conhecidas como “águas-vivas” ou “alforrecas”) deslocam-se ao sabor da corrente ou por vontade própria e as suas formas e cores, que se misturam com o azul do oceano, fazem destas criaturas seres fascinantes. Mas não se deixe enganar: apesar da beleza, podem ser venenosos e várias pessoas foram picadas este ano em Portugal.

Para monitorizar os organismos gelatinosos, o Instituto Português do Mar e da Atmosfera (IPMA) criou em 2016 o GelAvista, um programa com “uma grande componente de ciência cidadã” que incentiva as pessoas a enviarem dados sobre a presença dos

animais nas praias portuguesas. “O objectivo é obter informação científica, do ponto de vista da ecologia das espécies – nomeadamente a sua distribuição, abundância, em que locais ocorrem, se estão a aparecer novas espécies, ou se são as mesmas que já conhecíamos”, explica Antonina dos Santos, bióloga marinha do IPMA.

Aos cidadãos é-lhes solicitado que enviem informação sobre o local onde encontraram as espécies, assim como uma fotografia e o número aproximado de exemplares. Tais dados permitem depois “determinar exactamente se as espécies são muito abundantes ou não naquele local ou naquela época do ano”, diz Antonina dos Santos, observando-se “padrões de abundância e de distribuição” que são comparados “com dados físicos e ambientais do país e do mar”, como “a direcção e intensidade dos ventos, das correntes, a temperatura da água do mar e do ar e a salinidade”.

Desde 2016, o GelAvista já recebeu mais de 3750 registos, dos quais 950 (cerca de 25% do total) foram registados este ano. Estes números comprovam uma crescente abundância de organismos gelatinosos nas praias

portuguesas – à semelhança do que tem acontecido na Austrália, EUA, Irlanda do Norte, Itália e Noruega –, especialmente em 2019. “Este foi o ano em que ocorreu o maior número de avistamentos destas espécies até agora e ao longo da extensão da costa”, sublinha Antonina dos Santos.

Uma aldeia flutuante

Embora seja frequentemente confundida com uma alforreca, a caravela-portuguesa (*Physalia physalis*) não o é. Aliás, não é sequer um único animal. Pertence ao filo dos cnidários e é um organismo composto por quatro pólipos (ou zoóides) acoplados, entre os quais o pneumatóforo (um balão em forma de vesícula que lhe permite flutuar à superfície). O “balão” tem entre dez e 20 centímetros, mas os tentáculos podem atingir 20 metros de comprimento, sendo uma espécie “muito urticante”, cujo veneno causa queimaduras e pode provocar outros problemas de saúde, caso haja uma reacção alérgica à picada.

Tal como a espécie *Velella velella*, a caravela-portuguesa é uma colónia de organismos. “São constituídas por um conjunto de indivíduos com fun-



A caravela-portuguesa (*Physalia physalis*) e, em baixo, a medusa *Catostylus*

SOFIA MOONEY



gelatinosos



PAULA DUARTE

us tagi (à esquerda) e a colónia de organismos *Velella velella*

ANDRÉ MANTAS

ções diferentes [como a reprodução, captura de presas ou defesa]. É uma pequena aldeia que flutua no mar”, explica Antonina dos Santos.

O trajecto destes animais é “muito influenciado” pelos ventos e correntes marítimas e essa poderá ser, aliás, uma das razões pelas quais têm vindo a aparecer em maior número. “Este Verão e todo o ano está muito diferente do ano passado e isso vê-se nas temperaturas e nos ventos que têm sido constantes”, afirma a bióloga marinha, relacionando o fenómeno com as alterações climáticas.

Vinda do oceano Atlântico, a caravela-portuguesa entra no Mediterrâneo através do estreito de Gibraltar, podendo ser avistada no Sul de Espanha. No entanto, as espécies de organismos gelatinosos que “ocorrem em grandes números” no mar Mediterrâneo são outras, como a *Pelagia noctiluca* (que é bioluminescente), também comum nos Açores e na Madeira durante o Verão.

“As únicas espécies que, até agora, vimos em grandes volumes em Portugal são a caravela-portuguesa, a *Velella velella* e a *Catostylus tagi* na zona próxima ao Tejo”, diz Antonina dos Santos. Na costa portuguesa surgem ainda a *Chrysaora*, a *Aurelia*, a *Rhizostoma luteum* e salpas.

Bandeiras para banhistas

Além de terem uma morfologia complexa, o ciclo de reprodução destes organismos gelatinosos é bastante singular. “Há espécies que têm uns pólipos que estão fixos ao substrato [o fundo do mar] e que, em determinadas condições de temperatura e ambientais, vão colocar na água umas larvas pequeninas, as efírias, que depois vão crescer e formar as medusas”, explica Antonina dos Santos. Ao mesmo tempo, a maioria das espécies é capaz de se reproduzir de forma sexuada (já na fase de medusas), libertando os óvulos na água.

É também através do ciclo reprodutivo que os especialistas analisam a probabilidade de ocorrência destes organismos. Este ano, segundo a bióloga marinha, a sua distribuição tem ocorrido um pouco “por todo o lado” em Portugal: “A única região que está

mais ou menos livre é a Madeira, com ocorrências normais para a época.”

Embora admita que, na Madeira, o mês de Julho não foi particularmente significativo, como nos Açores, Mafalda Freitas, directora da Estação de Biologia Marinha do Funchal – que colabora com o GelAvista desde 2017 –, garante que também ali se tem registado uma maior quantidade de espécies como a caravela-portuguesa e a *Pelagia noctiluca*. E se antes costumavam aparecer só nos meses de Verão de forma sazonal, estes organismos passaram a ser abundantes todo o ano. “Normalmente é quando o tempo está turvo, principalmente na costa sul da Madeira, as correntes arrastam-nas e elas acabam por dar à costa. Mas agora é um pouco por todo o lado, estão a aparecer durante mais tempo no ano e em maior número.”

Já nos Açores, à excepção de 2018, tem-se verificado um aumento destas mesmas espécies nos últimos seis anos. “Sempre que existe uma zona da costa que está na direcção do vento, elas aparecem”, acrescenta Carla Dâmaso, presidente do Observatório do Mar dos Açores – que se associou ao GelAvista no início deste Verão –, frisando que se têm registado “avistamentos enormes e em massa um bocadinho mais afastados da costa” e ao largo da ilha das Flores.

Em território continental, estes invertebrados têm aparecido “desde o Norte até ao Algarve e junto ao Guadiana”. Antonina dos Santos destaca um pico de abundância nos Açores e em Portugal continental em Julho, com avistamentos de mais de mil indivíduos. Porém, acredita que este fenómeno terá tendência a diminuir nos próximos meses. Os dados de Agosto mostram que, apesar de ainda haver algumas ocorrências, “estão a ser cada vez em menor número e em menos locais”. Além disso, “a espécie já se reproduziu e portanto agora o ciclo de vida há-de continuar”.

Mas Antonina dos Santos lembra que “com as alterações climáticas estes organismos podem [continuar a] aparecer em maior quantidade”. Mafalda Freitas concorda com essa hipótese e associa a abundância de organismos gelatinosos a factores

como as alterações climáticas, a degradação da costa, diminuição dos stocks de peixes seus predadores e poluição dos oceanos – fenómenos aos quais estes seres, de aspecto aparentemente frágil, se têm mostrado bastante resistentes.

Caso haja muitos organismos gelatinosos nas praias, os nadadores-salvadores devem içar a bandeira vermelha. Nos Açores, todas as praias vigiadas têm já uma bandeira específica para alertar para a presença destes animais na água.

Mesmo no areal estes seres continuam a ser perigosos, uma vez que “a forma como libertam o veneno é um movimento mecânico por contacto” e as células urticantes mantêm-se activas depois de mortos. A primeira coisa a fazer após uma picada é limpar com água salgada, sem esfregar, o mais rapidamente possível a zona afectada para tirar o veneno do organismo e remover os tentáculos com a ajuda de um cartão de plástico. “Na picada da caravela-portuguesa e da *Velella velella* poderá utilizar-se vinagre e compressas de água quente. No caso de uma água-viva (*Pelagia noctiluca*) ou de uma *Chrysaora* ou outro tipo de medusa já se pode utilizar uma solução de bicarbonato de sódio e bandas de gelo.”

Com tanto de fascinante como, por vezes, de perigosos, os organismos gelatinosos, mais do que vaguear só ao sabor da corrente, têm um papel importante no ecossistema. Importa agora, resume Carla Dâmaso, sensibilizar os cidadãos para os cuidados a ter e também elucidar sobre “as especificidades e características destes organismos incríveis”.

filipa.mendes@publico.pt

Com o apoio de

FUNDO
PARA A CONSERVAÇÃO DOS OCEANOS



Oceanário de Lisboa



OCEANO AZUL
fundação